

“Neti neti”: *Isto*, de André Luiz Pinto

A primeira edição de *Isto* é de 2003. Trata-se de uma pequena brochura em papel comum, com páginas xerocadas, cortadas e grampeadas em formato de livro de bolso. A capa revela sua condição precária: papel barato, cor desde logo amarelada, ilustrada por alguns finos riscos e formas ovais feitas em computador. O nome do autor, o título, a data e o aviso: “Distribuição Entre Amigos”. Ou essa seria a suposta editora? A data dizia 2003, mas parecia um artefato da Geração Mimeógrafo, anos 1970. Um objeto anacrônico; e ao mesmo tempo antigo e contemporâneo. O fato é que *Isto* é atemporal. *Isto* não é regido pelas leis do tempo, *Isto* está ao mesmo tempo aquém e além. O leitor apreende *Isto* aos poucos.

Isto é difícil. Ao mesmo tempo precário e incisivo. Como Borges, que não reconheceu a genialidade de Kafka numa primeira leitura, eu apenas “vi” *Isto* em sua segunda edição. (“Só existe o que vemos”, *Isto* ensina). Desta vez, uma brochura elegantemente editada em 2005 pela Espectro Editorial, do poeta Ronald Polito, seguida por um excelente posfácio do também poeta e filósofo Marcelo Diniz, que ilumina o texto sem perder seu fugidio objeto (o escrito de André Luiz Pinto) de vista. Como Diniz afirma, “*Isto* está na ordem do inominável”.

Pois o texto de André Luiz Pinto quer se aproximar do indizível. Neste sentido, é um *tour de force* com a linguagem (não à toa, uma das epígrafes da primeira edição, suprimida na segunda, interrogava: *antes do pensamento, havia palavra?*), no qual o poeta, com vigor e sensibilidade, segura no chifre do boi bem de perto. Que boi? A “coisa”, o real incomunicável, ao mesmo

tempo aquém e além da linguagem, e, portanto, do humano: *Isto*. “Não pense, mas veja!” diz a epígrafe de Wittgenstein. *Isto* trata do incognoscível, daquilo que não pode ser dito, que não cabe em palavra alguma e que, paradoxalmente, exige e motiva todos os nossos discursos. *Isto* é assim mesmo.

Todos nós sabemos o que é *Isto*, pois é a coisa que nos é mais próxima e mais íntima. Mas, ao tentar nomeá-lo, nos distanciamos irremediavelmente. Como saciar a urgência de definir *Isto*? Vamos ao texto: “Não sabe de nada, não cheira a nada, não pensa em nada”. “Sempre será. Sozinho. Sem definições”. “*Isto* sabe e *Isto* é”. “Só ele existe. Só ele. *Isto*”. “Estrada sem entrada”. “*Isto*. É o que sobra afinal”. “É preciso chegar. Mas o pensamento, a própria vida, Deus meu, nada adianta”. Até a pergunta, que na rigorosa construção do texto de André Luiz Pinto ganha a necessária carga existencial, fundindo filosofia e poesia onde são a mesma coisa: “Como atingir algum lugar se o único lugar é aqui? Partir do ponto ao ponto mesmo?”

A poesia de André Luiz Pinto corta no osso. Sua raiz filosófica nos tenta a buscar paralelos nos pensadores originários da tradição ocidental, e me refiro aqui principalmente aos aforismos de Heráclito de Éfeso e suas proposições sobre o Logos. Um estudo desta ordem com toda certeza se provaria interessante e frutífero. No entanto, como *Isto* sobrevoa todas as coisas (o texto termina com um sublime “*Isto* é só voar”) proponho um ponto de vista mais alto e um paralelo ainda mais distante: o parentesco com o conceito vedântico de “*neti neti*” (que poderia ser traduzido como “nem isto, nem aquilo”). Num dos mais importantes Upanixades, o Brhadaranyaka, o sábio Yajnavalkya é questionado sobre a natureza de Brahman (o Absoluto). E a resposta é que Brhaman é *neti neti*. Nem real, nem irreal. Nem vivo, nem morto. Nem compassivo, nem não-compassivo. E assim por diante. Além dos

pólos de opostos, das dualidades. Indefinível, incognoscível, incompreensível. Além da linguagem.

Neste sentido, “neti neti” não é exatamente uma negação. É antes uma constatação da presença do Absoluto (*Isto*) em todas as coisas, em potência e plenitude: daí sua recusa a se render à restrição de qualquer conceito, qualquer palavra ou linguagem humana. André Luiz Pinto sabe disso: “Discurso vai, discurso vem na mesma angústia. Mesmo dia. Escrever é falar da mesmice da morte”. No entanto, nesta solidão, *Isto* se espelha. E se é cego (“Isto não enxerga. Não olha nem podem lhe ver. Seu mundo é assim. Isto não existe”), existe, no entanto, seu avesso: “Somos dois”:

“Aquilo, quando Isto entra de férias”. *Isto* transborda em tudo o que há—vão de todas as coisas no abismo da existência/linguagem.

Renato Rezende é poeta, autor de *Passeio* (Record, 2001) e *Ímpar* (Lamparina, 2005), vencedor do prêmio Alphonsus de Guimaraens da Biblioteca Nacional, entre outros.